

A etnógrafa, a retratista e as crianças Xikrin

Clarice Cohn¹

Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos

clacohn@gmail.com

Quando cheguei no Bacajá, no começo dos anos 1990, para estudar as crianças Xikrin, já sabia, pelos textos e pelas fotos de Lux Vidal, Terence Turner e Vincent Carelli, da importância da pintura corporal e dos adornos para esse povo, e o ensaio comparativo de Anthony Seeger². Iniciada a pesquisa, foi-se revelando a enorme importância da ornamentação corporal na construção dos corpos e da pessoa dessas “pequenas pessoas”, *meprire*. O preto do jenipapo e o vermelho do urucum recobrem os corpos, o carvão misturado à resina decora as frentes, as cabeças e o corte dos cabelos, a resina e as penugens brancas recobrem as cabeças. Penas de diversas cores são usadas em braceletes, colares e cocares. Algodões e miçangas fazem cordões que são pendurados e amarrados nesses pequenos corpos. E as crianças estavam com frequência brincando e passeando pela aldeia lindas e ricamente adornadas. Essas composições fazem uso de diversas cores, cheiros e procedências que são protetores ou, ao contrário, perigosos, demandando cuidados. O cheiro da resina e do urucum mantem distantes espíritos e mortos, importante proteção para as crianças pequenas, especialmente vulneráveis a ter seu espírito por eles

-
- 1 Bolsista Produtividade CNPQ. As fotos aqui publicadas foram tiradas por mim desde 1992, em diversas visitas, nas aldeias da Terra Indígena Trincheira-Bacajá, Pará, Brasil. Elas foram digitalizadas e a montagem deste conjunto respondeu a um convite da Comissão de Imagem e Som da ANPOCS, composta por Cornélia Eckert, Vera Chaia e Ana Paula Simioni, a quem agradeço, e exposta na Reunião Anual da ANPOCS em 2009. Em 2017, tive a oportunidade de apresentar o conjunto das fotos em formato digital (digitalizado) para os Xikrin do bacajá, com lindos resultados e debates, com o apoio do CNPq, de Camila B. Beltrame, de Takàk-jakare Xikrin, Bep-tô Xikrin, Nhoka Xikrin, Tumre Xikrin. Agradeço às agências de financiamento FAPESP, CAPES e CNPq que permitiram as diversas estadias e financiaram projetos diversos que apoiaram essas iniciativas.
 - 2 TURNER, Terence (1981; 1995); VIDAL, Lux (1976; 1977; 1978; 1983; 1984/1985; 1992); VIDAL, Lux e MÜLLER, Regina A. Polo (1987); SEEGER, Anthony (1980).

roubados e tornados cativos. O vermelho do urucum recobre o preto do jenipapo, abrindo à interação as extremidades do corpo: as faces, as mãos, os pés. A plumária substitui o material de origem vegetal quando o corpo da criança está fortalecido e pronto a suportar seu uso.

A pintura e a ornamentação individualizam, na utilização de ornamentos que são prerrogativas herdadas, ao mesmo tempo em que expressam a condição da pessoa. A superfície do corpo pintada, os motivos gráficos e o material utilizado são combinados para marcar as passagens durante os primeiros anos de vida. Em especial, o momento em que, tendo começado a andar e falar, a criança tem sua autonomia expressa pela mudança no recorte da pintura corporal, no corte da cabelo, e no material usado em sua ornamentação. A partir daí ela poderá utilizar (e receber) seus adornos particulares.

Diferente dos adultos, as crianças Mebengroké-Xikrin são adornadas no cotidiano. As mães passam horas as pintando com esmero, com motivos gráficos que criam acompanhando a maleabilidade desses pequenos corpos, cuidando do correto corte dos cabelos, e os recobrando, e aos corpos, com resinas, penugens, penas, contas, algodões. É assim que elas podem ser vistas pela aldeia, com uma frequência que contrasta com a utilização desses adornos pelos adultos, que só os usam em ocasiões políticas ou rituais. As crianças também têm seus corpos ornados e pintados quando de sua morte e enterro. Trata-se de fazer aparecer, mostrar, dar a ver (*amerin*), identidades e individualidades, assim como a condição da pessoa – seu gênero, sua idade, sua situação social. Trata-se, também, de fazer e moldar corpos, fazer pessoas e parentesco e gerenciar relações com diversos seres, que auxiliam no crescimento e endurecimento destes corpos – os Xikrin falam do corpo duro e forte, *tôx* – ou são perigosos às crianças, que são então protegidas por cheiros que afastam quem lhes poderia fazer mal³.

Ao longo dessas descobertas, a máquina fotográfica foi uma importante aliada no registro dessa arte. Registrei as mães adornando seus filhos, as crianças adornadas, as mudanças em sua ornamentação e sua presença na aldeia, em rituais mas também no cotidiano, com seus corpos pintados, seus corpos adornados e suas cabeças embranquecidas. Em todas as viagens, levava ampliações das fotos tiradas na viagem anterior, que eram circuladas e manipuladas por todos, em especial pelas crianças. Neste processo, as mães, por sua vez, viram em minha câmera um potencializador (e eternizador) desses momentos de fazer ver a condição e a identidade da criança que é realizado com a exibição no cotidiano dessa ornamentação. Começam a me encomendar registros de suas crianças adornadas, em especial nesse importante momento de passagem, quando

3 Para minha produção neste sentido, ver: Clarice Cohn, 2000a; 2000b; 2010.

começam a andar. Avisam-me com antecedência seus planos de pintá-las, escolhem o cenário, e preparam as crianças para a foto: em pé, em posição rígida, sérias e olhando fixo para a câmera. Explicam-me também o enquadramento, centralizado, e que a foto deve ser revelada em tamanho grande e emoldurada de modo a ser pendurada na parede. Esse se revela de fato um potencializador, já que importa, nesse processo, dar a ver, fazer ver, as crianças, em seu processo de crescimento e individuação. Assim, uma série de fotos são tiradas, e eu sou tornada retratista oficial da ornamentação das crianças. Mas as crianças têm, elas também, seu modo de ver tudo isso – sua ornamentação, as fotos, o registro. Burlam as intenções da mãe, da fotógrafa, da antropóloga, sorrindo quando, insistem suas mães, não devem, ou se afastando. Acompanham atentamente a atividade da antropóloga, e das mães, e podem ser vistas ao fundo, observadoras, divertidas. Tiram fotos da antropóloga, tornando-se elas mesmas as fotógrafas.

Se miram, se admiram, nas semelhanças e nas diferenças de seus adornos e de sua ornamentação. Ou, simplesmente, recuperando o interesse na foto que está sendo tirada, buscando se ver ao serem fotografadas. É desse percurso, da etnóloga à retratista à fotógrafa que registra a atenção das crianças, e também fotografada, de que trata esse ensaio.

Referências

- COHN, Clarice. 2000a. *A criança indígena: A concepção xikrin de infância e aprendizado*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, Universidade de São Paulo; Cohn, Clarice.
- _____. 2000b. "Crescendo como um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá". *Revista de Antropologia* (São Paulo), Universidade de São Paulo/USP, v. 43, n.2, p. 195-222.
- _____. 2010. "A criança, a morte e os mortos: o caso Mebengokré-Xikrin". *Horizontes Antropológicos* (UFRGS. Impresso), v. 34, p. 93-115,
- TURNER, Terence. 1981. "The Social Skin". In: Chefas, J. & Lewin, R. (orgs.) *Not Work Alone: Survey of activities superfluous to survival*. London, Temple Smith.
- _____. 1995. "Social Body and Embodied Subject: Bodiliness, Subjectivity, and Sociality among the Kayapo". *Cultural Anthropology*, vol. 10, nº 2.
- VIDAL, Lux. 1976. "As categorias de idade como sistema de classificação e controle demográfico de grupos entre os Xikrin do Cateté e de como são manipulados Bibliografia citada 187 em diferentes contextos". In: *Actes du XLIIe Congrès International des Américanistes*. Paris, Société des Américanistes.
- _____. 1977. *Morte e Vida de uma Sociedade Indígena Brasileira*. São Paulo, Hucitec.
- _____. 1978. "A pintura corporal entre índios brasileiros". *Revista de Antropologia*, vol. 2

(2ª parte).

_____. 1983. "Plumária Kayapó". In: *Arte Plumária do Brasil* (catálogo da exposição, 17ª Bienal de São Paulo).

_____. 1984/1985. "Aspectos da Pintura na Cultura Indígena". *Revista de Antropologia*, vol. XXVII/XXVIII.

_____. 1992. "A Pintura Corporal e a Arte Gráfica entre os KayapóXikrin do Cateté". In: *Grafismo Indígena*. São Paulo, Nobel/EDUSP/FAPESP.

VIDAL, Lux; MÜLLER, Regina A. Polo. 1987. "Pintura e adornos corporais". In: Ribeiro, Berta (coord.) *Suma Etnológica Brasileira 3: Arte Índia*. Petrópolis, Vozes/Finep, 2ª ed.

SEEGER, Anthony. 1980. "O significado dos ornamentos corporais". In: *Os índios e nós*. Rio de Janeiro, Editora Campus.

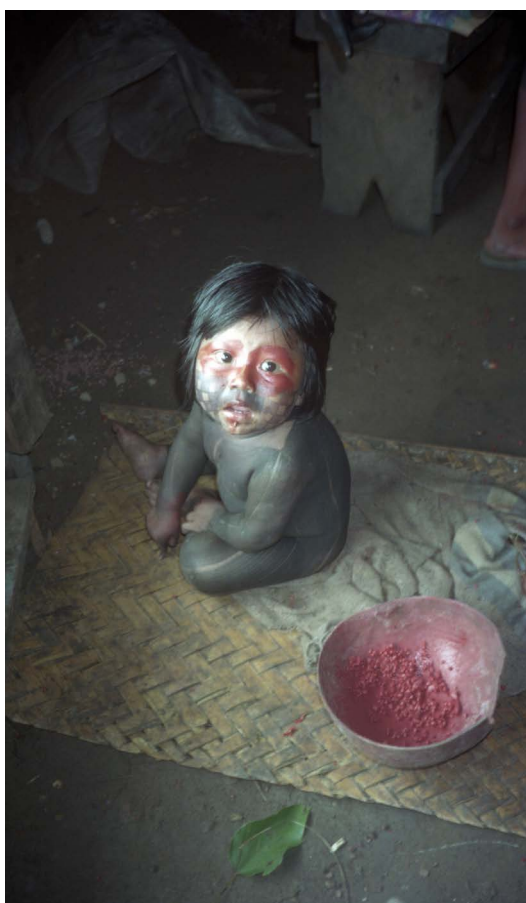
Recebimento em 11 de março de 2018.

Aceite em 11 de março de 2018.

1



2



3





4



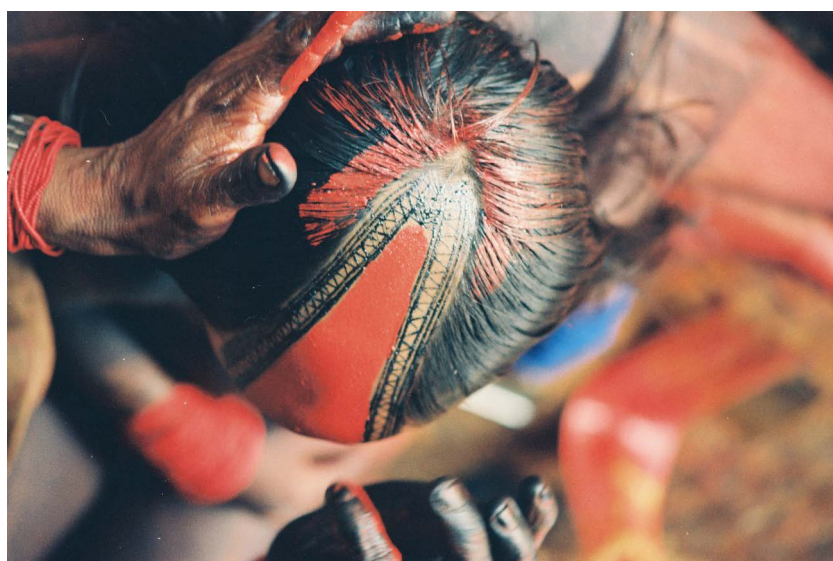
5



6



7



8

9



10





11



12



13



14



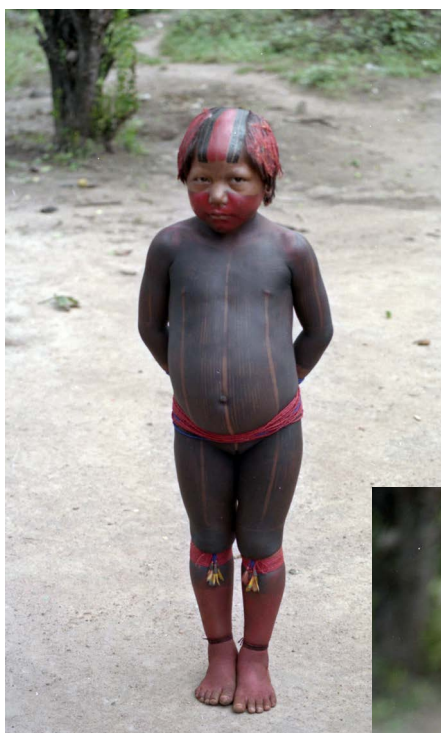
15



16



17



18



19



20



21



22



23



24



25



26



27